

## EDITORIAL

A questão referente à circulação, recepção e apropriação de culturas é latente em todas as épocas e tem na modernidade vários paradigmas, tanto na poesia quanto na música e nos costumes, com suas variações locais, regionais e nacionais, em contexto rural ou urbano (Burke, 2010). A história cultural, por sua vez, tal como a entende Chartier (2002, p. 16-17), tem como objeto principal “o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler”. Assim, ela se constrói sobre três conceitos fundamentais: representação, prática e apropriação. São conceitos de grande funcionalidade para pensarmos o fenômeno que ora nos interessa – as relações entre música e identidade –, uma vez que problematiza as representações como espaços de luta ou disputa pelo poder do discurso, ao mesmo tempo em que deixa de conceber a recepção como um ato meramente passivo, ou, quando muito, um fenômeno psicológico individual, seja para enfatizar o caráter criativo das práticas cotidianas (Certeau, 1998), seja para marcar a intervenção do leitor, espectador ou ouvinte da obra de arte. Por outro lado, não há como falar de circulação, recepção e apropriação de culturas sem levar em conta a ideia de uma cultura diaspórica, para falar como Hall (2006), uma vez que abrange discursos e manifestações políticas, artísticas e culturais de grupos sociais que têm uma espécie de dupla, ou híbrida pertença, embora tenham nascido e/ou crescido nos guetos e subúrbios de grandes cidades europeias ou norte-americanas. O objetivo deste dossiê é reunir artigos científicos sobre a matéria, no intuito de estabelecer uma periodização relacionada à circulação, recepção e apropriação de culturas estrangeiras no Brasil.

Este número da REVEC, dedicado ao tema “Música e Identidade”, nos Brinda com uma coletânea de artigos instigantes que abordam o tema sob várias perspectivas. Abrimos com o excelente texto de Adalberto Paranhos, **A cruzada da purificação nacional contra a Bossa Nova: ecos de um debate**, que busca, segundo o autor, evidenciar que ouvir Elomar falar equivale a comprar um bilhete para uma viagem sem volta rumo ao pas-

sado, pois suas palavras representam um eco tardio de argumentos esgrimidos por nacionalistas ferrenhos, a exemplo do pesquisador e jornalista José Ramos Tinhorão e outros. No rastro do sucesso da Bossa Nova, entre o fim dos anos 1950 e a década de 1960, a reação se instalou no país, dando início a uma verdadeira cruzada de purificação da música popular brasileira, uma versão à moda da casa de uma espécie de “nazismo cultural”. Escrito fora dos padrões acadêmicos mais ortodoxos, o artigo de Adalberto Paranhos, a partir da crítica às formulações de Elomar, trata do debate do período em torno da Bossa Nova.

Em **Eu sou favela, sou/ Eu sou do gueto, sou”: música, identidade, território**, Roberto Camargos analisa o modo como os rappers, em seus discursos musicais, contribuíram para o desenvolvimento de noções complexas de pertencimento identitário e territorial. Assim, investiga como alguns deles tencionaram representações, estigmas e duras experiências relacionadas às periferias e favelas, produzindo ideias e imagens positivas e trabalhando, inclusive, em favor da autoestima de uma população muito numerosa.

“**DE FLORES E CHÃOS: OUTRAS TRILHAS DE CAMINHANDO**”, de Ravel Giordano Paz, analisa a canção “Pra não dizer que não falei das flores” (mais conhecida como “Caminhando”), do cantor e compositor paraibano Geraldo Vandré, buscando ressitua-la em seu contexto histórico imediato e sopesando seu efetivo valor estético, no âmbito e para além desse contexto, a saber, o período imediatamente à instauração do Ato Institucional número 5 pelo regime militar que governava o Brasil.

“**SOY LOCO POR TI, AMÉRICA**”: TROPICALISMO, MÚSICA E IDENTIDADE LATINO-AMERICANA, assinado por Éverton Santos e Christina Ramalho, faz uma abordagem do movimento tropicalista no Brasil, da relação entre a América Latina e a produção musical, no que diz respeito às representações identitárias da região, através de uma discussão acerca do viés engajado ou lírico-amoroso/ufanista que envolve a canção “Soy loco por ti, América”, composta por Gilberto Gil e Capinan e gravada por Caetano Veloso, pela primeira

vez, em 1968. O artigo, assim, propõe-se a repensar o sentido da música latino-americana de protesto a partir da segunda metade do século XX.

Em seguida, **IDENTIDADE E MEMÓRIA NOS VERSOS DA CANÇÃO: O DISCURSO DE ETNICIDADE PRESENTE EM NA LETRA DA CANÇÃO MÃE ÁFRICA**, de Sara Rogéria Santos Barbosa, objetiva analisar a construção discursiva étnica negra presente na letra da canção Mãe África (SIVUCA; PINHEIRO, s/n, 1982), uma vez que esta traz em seu bojo traços memorialistas de fortalecimento identitário negro e de pertencimento. Tal sentimento de pertença é percebido na letra da canção a partir da narrativa de um passado não vivido pelo homem do século XX, mas recepcionado como parte de sua ancestralidade, de tal forma que o sentimento que aflora é de saudade de um tempo nunca vivido e um desejo de retornar a uma terra onde nunca esteve.

Carlos César Mascarenhas de Souza, em **Opereta verbal do drama cartesiano no teatro da imaginação tropical**, aborda dois aspectos que se manifestam na escritura da prosa-poética *Catatau*, do escritor Paulo Leminski: a teatralidade e a musicalidade. Ao mesmo tempo, visa articular uma leitura interdisciplinar com as contribuições da Psicanálise freudo-lacaniana sobre o problema da “identidade” a partir do discurso enunciado pela personagem Rénatus Cartesius, duplo ficcional do filósofo francês René Descartes que, segundo a narrativa desta ficção literária, teria vindo ao Brasil durante o governo de Maurício de Nassau no período das “Invasões Holandesas”, em Pernambuco.

Fechamos este dossiê com **MÚSICA PARA DANÇAR NO BRASIL DA DITADURA: do samba ao soul, do soul à disco (1970-1979)**, escrito por Luiz Eduardo Oliveira e Lázaro da Cruz Santos. O artigo, resultante de uma pesquisa de Iniciação Científica, busca investigar os modos pelos quais a “soul music” e a cultura disco foram apropriadas no Brasil, sobretudo a partir de 1970, quando a sonoridade do soul como novo estilo musical já se fazia ver em “BR-3”, canção composta por Antonio Adolfo e Tibério Gaspar e vencedora do V Festival Internacional da Canção daquele ano, na voz

de Tony Tornado e do Trio Ternura, até 1979, quando a febre da disco, ao tornar-se extremamente comercial e repetitiva, acabou condicionando, nos Estados Unidos, o movimento *disco sucks*. Por outro lado, no Brasil, 1979 é o ano em que ocorre a revogação dos instrumentos de exceção da ditadura, como o célebre AI-5, pelo Congresso nacional, e o retorno dos exilados, com a abertura política, criando um estado de coisas que possibilitou o restabelecimento do *habeas corpus*, da autonomia do judiciário e da liberdade – relativa – de imprensa. Nossa hipótese é de que a difusão e popularização da soul music e da cultura disco no Brasil foi um processo que, embora possa ser compreendido como uma imposição dos enlatados norte-americanos, cujo governo financiava a ditadura a que o país estava submetido desde o golpe militar de 1964, foi capaz de mostrar o seu potencial transgressor, especialmente na formação de identidades afirmativas do ponto de vista étnico.

Espero que você, leitor(a), leia com prazer esta coletânea preparada com muito carinho.

## REFERÊNCIAS

BURKE, Peter. **Cultura popular na Idade Moderna: Europa 1500-1800**. Tradução: Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

CERATEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. 3a. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Tradução de Maria Manuela Galhardo. 2a. ed. Alges: Difel, 2002.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Tradução: Adelaine La Guardia Resende, Ana Carolina Escosteguy, Cláudia Álvares, Francisco Rüdiger e Sayonara Amaral. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.



## EDITORIAL

The question referring to the circulation, reception and appropriation of cultures is latent in all of the eras and has in the modernity various paradigms, as in the poetry as in the music and mores, with its local, regional and national variations, in rural or urban contexts (Burke, 2010). The cultural history, in its turn, as it is understood by Chartier (2002, p. 16-17), has as its main object “the way in which different places and moments one determined social reality is constructed, thought, given to read”. This way, it builds itself over three fundamental concepts: representation, practice and appropriation. These are concepts of great functionality to think the phenomenon that now interests us – the relations between music and identity –, once it problematizes the representations as spaces of struggle or dispute for the power of discourse, at the same time in which stops conceiving the reception as an act merely passive, or, when much, an individual psychological phenomenon, be it to emphasize the creative character of the everyday practices (Certeau, 1998), be it to mark the reader’s, spectator’s or listener’s work of art intervention. On the other hand, there is no way of talking about circulation, reception and appropriation of cultures without taking into account an idea of a diasporic culture, as says Hall (2006), once it covers discourses and political, artistic and cultural manifestations of social groups that have a doubled, or hybrid belonging, although born and/or raised in the ghettos and suburbs of great European or North-American cities. The objective of this dossier is to reunite scientific articles about the subject, with the intent of stablishing a periodization related to the circulation, reception and appropriation of foreign cultures in Brazil.

This number of REVEC, dedicated to the theme “Music and Identity”, offers us a collection of instigating articles that approach the theme under various perspectives. We open it with the excellent text of Adalberto Paranhos, **A crusade of national purification from *Bossa Nova*: echos of a debate**, that aims to, according to the author, make evident that listening to Elo-mar’s complaints is the same as buying a one-way ticket to the past, since

his words represent, in many respects, a belated echo of arguments once advanced by staunch nationalists, such as José Ramos Tinhorão, a scholar and journalist, and many others. In the wake of the success of *Bossa Nova*, between the end of the 1950s and the decade of 1960, reactionary groups organized themselves and launched a crusade whose main objective was to purify Brazilian popular music, an action which resembled some sort of “cultural Nazism”. Written outside the most orthodox academic standards, Adalberto’s article, departing from a critique of Elomar’s formulations, dives into the debate of the *Bossa Nova* period.

In **“I’m a slum, I am / I’m from the ghetto, I am”:** **music, identity, territory**, Roberto Camargos analyzes the way rappers, in their musical discourses, contributed to the development of complex notions of identity and territorial belonging. This way, he investigates how some of them confronted representations, stigmas and harsh experiences related to the peripheries and favelas and produced positive ideas and images, working even in favor of the self-esteem of an undoubtedly very large population.

**Of flowers and grounds: other trails from “Caminhando”**, by Ravel Giordano Paz, analyzes the song “Pra não dizer que não falei das flores” (better known as “Caminhando”), by the Brazilian singer and songwriter Geraldo Vandré, seeking to reposition it in its immediate historical context and weighing its effective aesthetic value, in the scope and beyond that context, namely, the period immediately preceding the introduction of Institutional Act number 5 (AI-5) by the military regime which governed Brazil.

**“Soy loco por ti, América”:** **tropicalism, music and latin-american identity**, signed by Éverton Santos and Christina Ramalho, it aims at an approach to the tropicalist movement in Brazil, of the relationship between Latin America and music production, including with regard to the identity representations of the region, towards a discussion of the engaged or lyrical-loving/vainglorious character that surrounds the song “Soy loco por ti, América”, written by Gilberto Gil

and Capinan and recorded by Caetano Veloso, for the first time, in 1968. The article, then, proposes itself to rethink the meaning of Latin American music of protest, from the second half of the twentieth century.

Following, **Identity and memory in the verses of the song: the discourse of ethnicity in the lyrics of the song *Mãe África***, by Sara Rogéria Santos Barbosa, aims to analyze the discourse of black ethnicity that one may find in the song *Mãe África – Mama Africa* – (SIVUCA; PINHEIRO, s/n, 1982), since it bears memorialistic, nostalgic traces, which provides the strengthening of black identity as well as of a sense of belonging. Such sense of belonging, frequently seen during Romanticism, when it became necessary to forge a national identity, is noticed in the song here analyzed through the narrative of a past which was not lived by the 20<sup>th</sup> century man, but taken as part of his ancestry, in such a way that he goes as far as to miss a time which he had never known and desire to return to a place to where he had never been.

Carlos Cézár Mascarenhas de Souza, in **Verbal operetta of the cartesian drama in the theater of the tropical imagination**, discusses two aspects that can be found in the poetic prose of *Catatau*, by Paulo Leminski, namely: theatricality and musicality. Also, it attempts to articulate an interdisciplinary reading with the contributions of the Freudian-Lacanian Psychoanalysis about the issue of identity, departing from the discourse of the character Renatus Cartesius, a fictional double of the French philosopher René Descartes who, according to the narrative of this literary fiction, would have come to Brazil during Maurice of Nassau’s government in the period of the “Dutch Invasions” in Pernambuco.

We close this dossier with **Music for dancing in Brazilian dictatorship: from samba to soul, from soul to disco (1970-1979)**, written by Luiz Eduardo Oliveira and Lázaro da Cruz Santos. The article, a result from a Scientific Initiation research, intends to investigate the way how soul music and disco music were appropriated in Brazil, especially from 1970, when soul music, as a new musical genre, became popular in the coun-

try, especially because of “BR-3”, a song composed by Antonio Adolfo and Tibério Gaspar which won the 5<sup>th</sup> FIC (International Music Festival) that year, sung by Tony Tornado and Trio Ternura, until 1979, when the disco fever, made commercial and repetitive, ended up provoking, in the United States, the “disco sucks” movement, a collective attitude of rejection and demonization which, although had begun to emerge in 1976, exploded in a very incisive way with the “Disco Demolition Night”, an event organized by the radio DJ Steve Dahl in Chicago, in the interval of a baseball match in the Comiskey Park, in July 12<sup>th</sup>, 1979. On the other hand, 1979 is the year in which the revocation, by the National Congress, of all the instruments of exception of the military dictatorship, like the famous AI-5, occurred, as well as the return of exiled intellectuals and the political overture, helping to create a state of things which made possible the return of the *habeas corpus*, of the judicial autonomy and the relative freedom of press, even though there is a common sense in Brazilian historiography according to which dictatorship in Brazil was extinguished only in 1985, with the indication of the first civil president, José Sarney, as if the Brazilian dictatorship was only a work of the military staff. Our hypothesis is that the diffusion and

popularization of soul music and disco culture in Brazil was a process which, although can be understood as an imposition of cultural products from the United States, whose government financed the dictatorial regime since 1964, was able to show their transgressive potential, especially in the formation of affirmative identities from the ethnical point of view.

I hope that you, reader, read with pleasure this collection prepared with a lot of care.

## REFERENCES

- BURKE, Peter. **Cultura popular na Idade Moderna: Europa 1500-1800**. Tradução: Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- CERATEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. 3a. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.
- CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Tradução de Maria Manuela Galhardo. 2a. ed. Alges: Difel, 2002.
- HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Tradução: Adelaine La Guardia Resende, Ana Carolina Escosteguy, Cláudia Álvares, Francisco Rüdiger e Sayonara Amaral. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.





## EDITORIAL

La cuestión referente a la circulación, recepción y apropiación de culturas es latente en todas las épocas y tiene en la modernidad varios paradigmas, tanto en la poesía como en la música y en las costumbres, con sus variaciones locales, regionales y nacionales, en contexto rural o urbano (Burke, 2010). La historia cultural, a su vez, tal como la entiende Chartier (2002, p.16-17), tiene como objeto principal “el modo como en diferentes lugares y momentos una determinada realidad social es construida, pensada, dada a leer”. Así, se construye sobre tres conceptos fundamentales: representación, práctica y apropiación. Son conceptos de gran funcionalidad para pensar el fenómeno que nos interesa -las relaciones entre música e identidad-, ya que problematiza las representaciones como espacios de lucha o disputa por el poder del discurso, al mismo tiempo que deja de concebir la recepción como un acto meramente pasivo, o, cuando mucho, un fenómeno psicológico individual, sea para enfatizar el carácter creativo de las prácticas cotidianas (CERTEAU, 1998), sea para marcar la intervención del lector, espectador o oyente de la obra de arte. Por otro lado, no hay como hablar de circulación, recepción y apropiación de culturas sin tener en cuenta la idea de una cultura diaspórica, para hablar como Hall (2006), ya que abarca discursos y manifestaciones políticas, artísticas y culturales de grupos sociales que tienen una especie de doble, o híbrida pertenencia, aunque han nacido y/o crecido en los guetos y suburbios de grandes ciudades europeas o norteamericanas. El objetivo de este dossier es reunir artículos científicos sobre la materia, con el fin de establecer una periodización relacionada a la circulación, recepción y apropiación de cultivos extranjeros en Brasil.

Este número de la REVEC, dedicado al tema “Música e Identidad”, nos brinda con una colección de artículos instigadores que abordan el tema bajo varias perspectivas. Abrimos con el excelente texto de Adalberto Paranhos, **La cruzada de la purificación nacional contra la Bossa Nova: ecos de un debate**, que busca, según el autor, evidenciar que oír a Elomar hablar

equivale a comprar un billete para un viaje sin vuelta hacia el pasado, porque sus palabras representan un eco tardío de argumentos esgrimidos por nacionalistas férreos, a ejemplo del investigador y periodista José Ramos Tinhorão y otros. En el rastro del éxito de la Bossa Nova, entre finales de los años 1950 y la década de 1960, la reacción se instaló en el país, dando inicio a una verdadera cruzada de purificación de la música popular brasileña, una versión a la moda de la casa de una especie de “Nazismo cultural”. Escrito fuera de los estándares académicos más ortodoxos, el artículo de Adalberto Paranhos, a partir de la crítica a las formulaciones de Elomar, trata del debate del período en torno a la Bossa Nova.

**“En mí soy favela, soy / Soy del gueto, soy”:** **música, identidad, territorio**, Roberto Camargos analiza la forma en que los raperos, en sus discursos musicales, contribuyeron al desarrollo de nociones complejas de pertenencia identitaria y territorial. Así, investiga cómo algunos de ellos han promovido representaciones, estigmas y duras experiencias relacionadas con las periferias y favelas, produciendo ideas e imágenes positivas y trabajando, incluso, en favor de la autoestima de una población muy numerosa.

**“De flores y suelos: otras trillas de “caminhando”**, de Ravel Giordano Paz, analiza la canción “Pra não dizer que não falei das flores” (más conocida como “Caminhando”), del cantor y compositor paraibano Geraldo Vandré, buscando reubicarla en su contexto histórico inmediato y sopesando su efectivo valor estético, en el ámbito y para allá de ese contexto, a saber, el período inmediatamente a la instauración del *Ato Institucional número 5* por el régimen militar que gobernaba Brasil.

**“Soy loco por ti, América”:** **Tropicalismo, música e identidad latinoamericana**, de autoría de Éverton Santos y Christina Ramalho, hace un abordaje del movimiento tropicalista en Brasil, de la relación entre América Latina y la producción musical, en lo que concierne a las representaciones identitarias de la región, a través de una discusión acerca del sesgo comprometido o lírico-amoroso/ufanista que envuelve la canción “Soy

loco por ti, América”, compuesta por Gilberto Gil y Capinan y grabada por Caetano Veloso, por primera vez, en 1968. El artículo, así, propone el repensar el sentido de la música latinoamericana de protesta a partir de la segunda mitad del siglo XX.

En secuencia, **Identidad y memoria en los versos de la canción: el discurso de etnicidad presente en la letra de la canción madre África**, de Sara Rogéria Santos Barbosa, objetiva analizar la construcción discursiva étnica negra presente en la letra de la canción Madre África (SIVUCA; PINHEIRO, s/n, 1982), una vez que ésta trae en su bojo rasgos memorialistas de fortalecimiento identitario negro y de pertenencia. Tal sentimiento de pertenencia es percibido en la letra de la canción a partir de la narrativa de un pasado no vivido por el hombre del siglo XX, sino recepcionado como parte de su ancestralidad, de tal forma que el sentimiento que aflora es el de nostalgia de un tiempo nunca vivido y un deseo de regresar a una tierra donde nunca estuvo.

Carlos Cézár Mascarenhas de Souza, em **Opereta verbal del drama cartesiano en el teatro de la imaginación tropical**, aborda dos aspectos que se manifiestan en la escritura de la prosa-poética *Catatau*, del escritor Paulo Leminski: la teatralidad y la musicalidad. A la vez, visa articular una lectura interdisciplinaria con las contribuciones del Psicoanálisis freudo-laciano sobre el problema de la “identidad” a partir del discurso enunciado por el personaje Renatus Cartesius, doble ficcional del filósofo francés René Descartes que, según la narrativa de esta ficción literaria, habría venido a Brasil durante el gobierno de Maurício de Nassau en el período de las “Invasiones Holandesas”, en Pernambuco.

Finalizamos este dossier con **Música para bailar en el Brasil de la dictadura: del samba al soul, del soul a la disco (1970-1979)**, escrito por Luiz Eduardo Oliveira y Lázaro da Cruz Santos. El artículo, resultante de una investigación de Iniciación Científica, busca investigar los modos por los cuales la “soul music” y la cultura disco han sido apropiadas en el Brasil, principalmente a partir de 1970, cuando la sonoridad del soul como

nuevo estilo musical ya se hacía ver en “BR-3”, canción compuesta por Antonio Adolfo y Tibério Gaspar y vencedora del V Festival Internacional de la Canción de aquel año, en la voz de Tony Tornado y del Trio Ternura, hasta 1979, cuando la fiebre de la disco, al tornarse extremadamente comercial y repetitiva, acabó condicionando, en los Estados Unidos, el movimiento *disco sucks*. Por otro lado, en Brasil, 1979 es el año en que ocurre la revocación de los instrumentos de excepción de la dictadura, como el célebre AI-5, por el Congreso Nacional, y el regreso de los exiliados, con la apertura política, creando un estado de cosas que posibilitó el restablecimiento del *habeas corpus*, de la autonomía del judicial y de la libertad – relativa – de la imprenta. Nuestra hipótesis es de que la difusión y popularización de la *soul music* y de la cultura disco en Brasil fue un proceso que, aunque pueda comprenderse como una imposición de los enlatados norteamericanos, cuyo gobierno le financiaba a la dictadura que controlaba el país desde el golpe militar de 1964, ha sido capaz de mostrar su potencial transgresor, especialmente en la

formación de identidades afirmativas del punto de vista étnico.

Espero que cada uno de vosotros, lector(a), pueda leer con placer esta colección preparada con mucho cariño.

## REFERENCIAS

BURKE, Peter. **Cultura popular na Idade Moderna: Europa 1500-1800**. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

CERATEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Trad. de Ephraim Ferreira Alves. 3a. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Trad. de Maria Manuela Galhardo. 2a. ed. Alges: Difel, 2002.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Trad. de Adelaine La Guardia Resende, Ana Carolina Escosteguy, Cláudia Álvares, Francisco Rüdiger e Sayonara Amaral. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

